

Processos cognitivos de domínio geral: evidências em instanciações da construção transitiva

General-domain process: evidence in instantiations of transitive construction

Nedja Lima de Lucena¹

¹ Doutora em Estudos da Linguagem. Professora substituta na Universidade de Brasília. E-mail: lucenedja@gmail.com.

RESUMO: Este artigo examina processos cognitivos de domínio geral que estão atrelados ao uso linguístico, mais precisamente à manifestação discursiva de um tipo de construção de estrutura argumental: a construção transitiva. Seu objetivo é discutir evidências da atuação desses processos nas instanciações dessa construção a partir do exame de dados empíricos oriundos de situações comunicativas reais. O trabalho ancora-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que abriga a concepção de que as línguas são moldadas pela complexa interação de princípios cognitivos e funcionais. Esses desempenham um papel basilar na manifestação dos fenômenos linguísticos. Alinhado a esse viés teórico, este artigo adota a perspectiva da gramática de construção na análise. Evidencia-se que os processos cognitivos de domínio geral atrelados à experiência motivam a expressão de instanciações da construção transitiva que se afastam do membro prototípico, mas que, por analogia, são tomadas do modo semelhante. Os padrões linguísticos são vistos como consequência da atuação desses processos cognitivos e, ao observá-los, estamos situando a língua num amplo contexto do comportamento humano.

Palavras-chave: Processos cognitivos de domínio geral; Construção transitiva; Gramática de construção.

ABSTRACT: This article examines general-domain processes which are linked to the linguistic usage, more precisely to the discursive manifestation of a type of argumentative structure: the transitive construction. Its goal is to discuss evidences of the actuation of those processes in the instantiations of such construction from the exam of empiric data derived from real communicative situations. The piece anchors itself in the theoretical presumptions of usage-based linguistics, which shelters the conception that languages are molded on the complex interaction of cognitive and functional principles. These play a basilar role in the manifestation of linguistic phenomena. Aligned with that theoretical bias, this article adopts the perspective of construction grammar in analysis. It is clearly seen that the general-domain process linked with experience, motivates the expression of instantiations of transitive construction which move away from the prototype member, but that, by analogy, are taken similarly. The linguistic patterns are seen as consequence of the action of such cognitive processes and, that, as we observe them, we are situating the language in an ample context of human behavior.

Keywords: General-domain process; Transitive construction; Construction grammar.



Introdução

Nos últimos anos, o termo “cognição” ganhou destaque nas ciências que se interessam pela investigação da mente humana. A Linguística, por se tratar da ciência da linguagem, também tem evidenciado a relação entre o aparato cognitivo humano e os usos linguísticos. Essa relação é terreno fértil para pesquisas situadas na interface entre as correntes teóricas do Funcionalismo e do Cognitivismo.

O diálogo teórico e empírico entre essas correntes é rotulado como “Linguística Cognitivo-Funcional” (TOMASELLO, 1998; 2003) ou “Linguística Funcional Centrada no Uso” (MARTELOTTA, 2011). Um postulado básico dessa agenda teórica centra-se na ideia de que o conhecimento linguístico, que envolve o conhecimento de significado e forma, é concebido fundamentalmente do mesmo modo que outros tipos de conhecimento. As habilidades cognitivas (como percepção visual, atividade motora, entre outras) e o uso linguístico são governados por processos cognitivos de domínio geral (BYBEE, 2010), de maneira que não é necessário distinguir conhecimento linguístico de conhecimento não linguístico (CROFT e CRUSE, 2004).

Nesse viés, a linguagem é, pois, compreendida como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas intimamente relacionada a outras áreas da psicologia humana. Isto é, a linguagem envolve uma técnica complexa, uma base neurobiológica, cognitiva¹ e sociocultural que atribui a ela seus aspectos variáveis no tempo e no espaço (TOMASELLO, 1998; MARTELOTTA, 2008).

¹ O termo cognição, grosso modo, está relacionado com o funcionamento da mente, isto é, ao modo como o indivíduo interage com o mundo, compreendendo a realidade que o cerca, armazenando-a, organizando-a e fazendo uso dela nos processos de comunicação com seus pares (FURTADO DA CUNHA; COSTA e MARTELOTTA, 2008).

A habilidade para se comunicar é o produto de adaptações biológicas específicas da espécie humana, de modo que a dimensão gramatical é o resultado de um conjunto de processos históricos e ontogenéticos. Nesse sentido, quando um usuário da língua usa símbolos para se comunicar com outro, ele o faz a partir de sequências e padrões de uso que emergem e se consolidam. Isso significa dizer que a língua comporta padrões regulares e ritualizados, bem como padrões emergentes (TOMASELLO, 2005).

No cerne da Linguística Funcional Centrada no Uso, está o interesse pela investigação da construção gramatical (GOLDBERG, 1995). A construção, pareamento convencionalizado de função e forma, é um esquema geral e simbólico no qual os elementos gramaticais são instanciados. À luz do modelo teórico da construção gramatical, a gramática de uma língua é compreendida de uma perspectiva holística.

Este artigo ancora-se, pois, no escopo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso para discutir os processos cognitivos de domínio geral que subjazem o uso linguístico de um tipo de construção de estrutura argumental: a construção transitiva. Para isso, centra-se no exame de dados empíricos diversos, oriundos de experiências sociocomunicativas reais. Os dados analisados aqui foram coletados de diferentes *corpora*², nas modalidades de fala e de escrita, e correspondem a um conjunto de 321 orações simples sintaticamente formadas por sujeito – verbo – objeto direto.

O presente trabalho, a partir desta seção introdutória, está organizado em quatro seções: a primeira apresenta o que é construção de estrutura argumental e sua abordagem na perspectiva da gramática de construção; a segunda seção tece apontamentos sobre os processos cognitivos de domínio geral tratados nesta pesquisa; na terceira, são confrontados dados

² Os dados são oriundos do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal; Banco Conversacional de Natal*, Revista *Istoé*, Blogs *Vida Materna* e *Santa Dieta*, *Contos As mãos do meu filho* e *Passeio noturno* (cf. LUCENA, 2016).

empíricos das instanciações³ da construção transitiva com o escopo teórico assinalando a atuação desses processos nos casos investigados; e, por último, são levantadas as considerações finais deste artigo.

1 As construções de estrutura argumental na perspectiva da gramática de construção

A noção de construção⁴ figura em diversos estudos linguísticos, como se pode ver em Lakoff (1987), Fillmore (1988) e Fillmore, Kay e O'Connor (1988)⁵. No entanto, essa noção se ampliou e ganhou ênfase a partir da agenda de trabalhos propostos por Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Tomasello (1998; 2003; 2005), Traugott (2008), Bybee (2010), Traugott e Trousdale (2013), *inter alia*. Esses autores compartilham a noção de que as construções gramaticais devem ser tomadas como as unidades primárias da língua.

O modelo da gramática de construção se apoia na noção de signo linguístico, proposto por Saussure (1971), isso porque a construção une, em par, forma (sintática e/ou fonética e fonológica) com significado (funções semântica, pragmática e discursiva). Em outras palavras, cada construção emparelha um significado que corresponde a aspectos da forma linguística. Assim, os parâmetros da forma linguística não são apartados do significado,

mas motivados ou predizíveis das bases dele. Além disso, Goldberg (1995) afirma que a relação entre a função e a forma não é totalmente previsível, nem completamente arbitrária, ao passo que não pode ser interpretada como a soma das partes que compõem a construção.

As construções se estabelecem a partir da frequência com que os falantes as usam, tornando-se uma unidade de processamento. Nesse seguimento, para abarcar determinados usos, os falantes exploram os recursos disponíveis em seu repertório, a fim de consolidar seus objetivos comunicativos. Dito de outro modo, há padrões que ultrapassam o que é predizível pelas regras gramaticais, de modo que a elucidação desses deve ser investigada no âmbito da cognição e da comunicação (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010).

Na esteira da perspectiva construcional, as construções são altamente variáveis em complexidade e esquematicidade. Para elucidar a afirmação, Goldberg (2006, p. 5) assinala que, no inglês, morfemas, como *-ing*, palavras, como *avocado* e *anaconda*, e padrões frasais, a exemplo da ditransitiva *he gave her a fish taco* são tomados como construções. No trabalho de Östman e Fried (2005), padrões textuais também são compreendidos como um padrão construcional. Em linhas gerais, a variação em termos de complexidade e esquematicidade se configura num contínuo entre léxico, mais específico e de complexidade menor, e gramática, mais esquemática e complexa.

Sob o prisma dessa perspectiva, a gramática em si mesma é compreendida como o conhecimento de um sistema linguístico e corresponde a uma grande rede de construções, de forma que não há divisão estrita entre léxico e sintaxe, que são tomados como um contínuo. De maneira geral, todas as abordagens construcionais enxergam a gramática como um arcabouço holístico, ou seja, nenhum nível é autônomo ou central (LANGACKER, 2008; SALOMÃO e MIRANDA, 2009; TRAUOGOTT e TROUSDALE, 2013).

³ Instanciação é um termo técnico do modelo da gramática de construção e significa ocorrência ou realização empírica. Nesse sentido, uma instanciação é uma concretização de uma construção, ou seja, de um molde ou padrão oracional que essa construção representa.

⁴ O termo “construção” é utilizado pela própria gramática tradicional para se referir a fenômenos como construção passiva, reflexiva e impessoal. O termo também faz parte da história do gerativismo, no entanto, com outro significado. Nessa abordagem, a construção estava relacionada a regras específicas da gramática transformacional, bem como servia de pano de fundo para se pensar em princípios gerais (SALOMÃO; MIRANDA, 2009).

⁵ De certo modo, esses estudos são desdobramentos dos trabalhos prógonos de Fillmore (1968), *The case for case reopened*, e de Lakoff (1977), *Linguistics gestalts*. A expressão “gramática de construção” foi cunhada por Fillmore et al. (1988).

Dessa maneira, as construções são concebidas como unidades simbólicas⁶ convencionalizadas, organizadas em redes e tomadas basicamente como esquemas cognitivos do mesmo tipo dos que existem em outros domínios da cognição (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). Traugott e Trousdale (2013, p. 1) resumem essa ideia ao afirmarem que as construções “são unidades em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que o signo é armazenado como um par forma-significado na mente do falante”.

No coração do trabalho de Adele Goldberg reside o interesse pelas construções de estrutura argumental. Para a autora, essas construções correspondem a orações simples e são essenciais para a descrição da língua, uma vez que estão diretamente associadas a molduras semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana como, por exemplo, movimento, transferência, causação, posse, estado ou mudança de estado. O modo como tais cenas são empacotadas linguisticamente, em termos de instanciações das construções, pode ser altamente variável e particular.

Por ser basilar para a organização e compreensão da língua, a descrição gramatical das construções de estrutura argumental é fulcral para explicar como as estruturas gramaticais ritualizam-se e emergem na dinâmica do discurso. A observação dessas construções é um ponto chave para compreender como se dá a interação entre forma e função e léxico e sintaxe. Isso porque a estrutura argumental codifica a informação lexical sobre o número de argumentos que acompanham um verbo, seu tipo sintático-semântico e sua organização hierárquica (BRESNAM, 2001).

De um modo geral, a estrutura argumental diz respeito a como verbos e sintagmas nominais (SN) se relacionam na oração. Isso significa que a estrutura argumental de um dado verbo aponta gramaticalmente quantos

nomes vão acompanhá-lo e que papéis vão desempenhar na oração (CHAFE, 1979; FILLMORE, 1977).

A estrutura argumental é um fenômeno multidimensional, no qual interagem aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos, tipológicos, diacrônicos, relacionados à aquisição, à cognição e, sobretudo, à pragmática. Por exemplo, um SN numa determinada oração pode exibir múltiplas dimensões: do ponto de vista gramatical, pode ser um sujeito transitivo; semanticamente, um humano experienciador; do ponto de vista morfológico, um pronome; e pragmaticamente, uma informação dada (DU BOIS e KUMPF; ASHBY, 2003).

A proposta de Goldberg (1995) é de que a estrutura argumental seja tratada à luz de uma abordagem construcional, sendo mais bem entendida como construções que existem independente de verbos particulares. A justificativa para esse tratamento tem base na concepção de que muitos verbos aparecem em mais de um padrão de estrutura argumental, de forma que pequenas diferenças no sentido podem ser um fator que distingue e motiva padrões alternativos de estrutura argumental.

Goldberg implementa o exame das construções transitiva, de movimento causado, ditransitiva, *way-construction* e resultativa no inglês. O estudo dessas construções comprova que um mesmo verbo pode ocorrer em diferentes construções de estrutura argumental. Desse modo, uma determinada construção licencia os verbos que podem ocorrer com ela. Isso significa que construções e verbos interagem de algum modo, de forma que é necessário considerar novos usos de verbos em construções particulares, bem como analisar a semântica e/ou informação sintática especificada pelo verbo (GOLDBERG, 2006). Um problema na investigação das construções de estrutura argumental é compreender como elas abarcam grandes generalizações e sancionam construtos aparentemente implausíveis (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

⁶ Simbólicas porque são tipicamente associações arbitrárias de forma e sentido.

As construções de estrutura argumental têm papéis argumentais que correspondem ao conjunto de papéis semânticos como agente, paciente, tema, recipiente, locativo, entre outros. Goldberg (2006) explica que cada sentido de um verbo é associado com um *frame* semântico que em parte especifica certos papéis participantes: o número e o tipo de *slot*⁷ estão associados com o significado de um dado verbo (p. 39).

Em outras palavras, a forma e a interpretação geral do padrão oracional básico de uma língua são determinadas pela semântica e/ou informação sintática especificada pelo verbo principal. Os verbos podem aparecer em um arranjo diversificado de configurações argumentais, como é o caso de *slice* (fatiar/partir) em *He sliced the bread* (construção transitiva), *Pat sliced the carrots into the salad* (construção de movimento causado) e *Pat sliced Chris a piece of pie* (construção ditransitiva).

As construções podem ser pensadas em termos de uma sequência de espaços vazios (ou *slots*), alguns são obrigatórios, outros são opcionais; cada espaço carrega uma especificação do tipo de item que pode preenchê-lo (TAYLOR, 2003) e é preenchido por um papel argumental. Dessa maneira, as construções remetem à existência de um conjunto particular de casos fixos, tal como formulado por Fillmore (1968): a noção de caso compreende um conjunto de conceitos universal que identifica certos tipos de julgamentos que fazemos sobre os eventos que ocorrem, julgamentos como “quem fez isso”, “o que aconteceu” e “o que mudou” (1968 apud GOLDBERG, 1995, p. 39). Segundo Tomasello (2003a), eventos e estados correspondem à maneira como os usuários da língua analisam o mundo: “os seres humanos, quando se comunicam linguisticamente, analisam o mundo em eventos ou estados e seus participantes com papéis definidos entre si. Fazem-no, em

primeiro lugar, porque existem boas razões cognitivas e comunicativas para fazê-lo” (p. 213).

Os papéis argumentais (da construção) e os papéis participantes (do verbo) podem ser fundidos. Isso ocorre porque a relação entre as construções de estrutura argumental e os verbos é regida por dois princípios: o “Princípio da Coerência Semântica” e o “Princípio da Correspondência”. O primeiro demonstra que apenas papéis compatíveis semanticamente podem se fundir; e o segundo apresenta a ideia de que cada papel participante do verbo deve ser fundido com e expresso por um papel argumental da construção.

Essa fusão se aplica aos argumentos mais centrais ou nucleares (especificados por relações gramaticais como sujeito, objeto direto e objeto indireto), os quais têm alta proeminência discursiva⁸. Para a autora, essa relação entre a construção e o verbo mostra que a semântica lexical e a pragmática discursiva estão alinhadas, isto é, os participantes que são importantes no significado do verbo são aqueles que são relevantes para o discurso. Assim, pode-se dizer que verbos e construções interagem de modo que a análise pode partir tanto do verbo para a construção como da construção para o verbo.

A perspectiva da gramática de construção apresenta algumas vantagens para a descrição das construções de estrutura argumental: descarte de sentidos implausíveis para um mesmo verbo; entendimento de que o sentido do verbo é integrado ao sentido da construção; noção de que a construção tem significado próprio, convencional e esquemático independente de verbos particulares; e a noção de que os itens lexicais contribuem para o significado das orações, mas não são responsáveis por todo o significado (GOLDBERG, 1995; FERRARI, 2011). Além disso, Goldberg (2006) demonstra que verbos

⁷ Posição argumental.

⁸ Essa regra não é rígida. Goldberg explica que, se um verbo tem três argumentos, uma posição pode ser preenchida por um argumento oblíquo, isto é, mais periférico. A autora ainda descreve possibilidades de restrições quanto a argumentos e adjuntos (cf. GOLDBERG, 2006, p. 42).

que lexicalmente designam a semântica associada a construções de estrutura argumental, como *to take* e *to put* são aprendidos mais cedo pelas crianças e usados mais frequentemente.

2 Processos cognitivos de domínio geral no viés da Linguística Funcional Centrada no Uso

Parece soar estranho referir-se à atuação de processos cognitivos de domínio geral, uma vez que esses processos operam constantemente, seja no momento em que este artigo é escrito, seja no instante em que o leitor faz esta leitura, isto é, processos cognitivos gerais subjazem qualquer atividade da mente humana.

O processo mais básico da cognição é a categorização, uma vez que, grosso modo, é uma operação mental automática, inconsciente, inerente à experiência humana, na qual o cérebro recorta e classifica eventos e objetos em categorias. Esse recorte e classificação estão, pois, relacionados ao ambiente em que vivemos: ao mundo físico, à nossa biologia e aos fatores socioculturais. Isso significa que categorizamos coisas, processos, pessoas, instituições e relações sociais; agrupamos os objetos em categorias a partir da presença/ausência de traços mais ou menos gerais (LAKOFF, 1987). Assim, a categorização é a base para a construção do conhecimento humano sobre as coisas do mundo e, por isso, um problema fundamental para as ciências que se interessam por aspectos da cognição⁹, como a linguística (LEFEBVRE; COHEN, 2005).

Como já dito em linhas anteriores, a Linguística Funcional Centrada no Uso reconhece que as categorias linguísticas são criadas no curso das

experiências. O aparato cognitivo humano possui a capacidade de categorizar ou criar categorias automaticamente e quase todo o tempo (TAYLOR, 2003; BYBEE, 2010). Sob esse viés, o ser humano possui a capacidade de agrupar os objetos linguísticos possuidores de similaridades, como: expressões que indicam ações, ou nomes, ou atributos, assim como cada interação linguística é um evento singular e evoca instâncias como fonemas, palavras e classes de palavras.

As categorias são reconhecidas e associadas a termos representados e armazenados pelo falante. Nesse sentido, a categorização está relacionada à memória, à capacidade de agrupar e estocar um grupo de objetos em termos de categoria. Além do mais, o interesse de grande parte dos pesquisadores é no processo de categorização, e não na categoria em si (FERRARI, 2011; FURTADO DA CUNHA; BISPO e SILVA, 2013).

De acordo com Taylor (2003), um elemento pode pertencer a uma categoria a partir do momento em que exibe, em maior ou menor medida, atributos do exemplar prototípico dessa categoria. Sob o olhar desse autor, as categorias podem ser organizadas em termos de *continuum*, isto é, uma escala fluida em que se dispõem os elementos de uma mesma categoria. A ideia de Taylor centra-se na categorização por protótipos. Para exemplificar, aponta que o que diferencia uma xícara de uma bacia ou de um vaso é um conjunto de atributos que eles compartilham ou não, ou ainda, o quão distante esses atributos estão uns dos outros.

Esses três objetos se diferenciam em termos de tamanho, forma, material, como também podem se distinguir em termos de uso (para que servem e o modo como as pessoas os manuseiam). A explicação é de que há alguns atributos que são comuns a todas as xícaras, ou à maioria delas, os quais nos permitem distinguir entre o que é uma xícara ou não. Por exemplo, nas sociedades ocidentais, é comum essa entidade possuir os seguintes atributos: ter alça, ser de porcelana, vir junto com um pires,

⁹ Dada a complexidade da categorização, esta é investigada por ciências, como: antropologia cognitiva, ciências da computação, neurociência, filosofia e psicologia.

ter tamanho e forma específicos, ser usada para tomar chá ou café e ser vendida em conjunto de seis. Assim, um recipiente de plástico, sem alça ou pires, pode ser usado para tomar café e ainda ser uma xícara, mas não é um exemplar típico dela. Dito isto, o protótipo é um ponto de referência para a categorização de membros não tão claramente definidos como pertencentes a uma determinada categoria.

A proposta de pensar as categorias em termos de protótipos permite organizar os membros de uma categoria numa escala de prototipicidade. Essa organização permite enquadrar membros fortemente similares ao exemplar prototípico, bem como aqueles que possuem poucos traços em comum.

Em termos linguísticos, essa perspectiva permite que o tratamento dado aos fenômenos linguísticos seja escalar e contínuo, de maneira que diversos membros podem ser agrupados numa mesma categoria, na qual, em um polo, encontra-se o membro mais prototípico, e no outro, o membro que exhibe os traços mais periféricos; entre esses polos, num campo intermediário, diferentes membros podem se instalar. No entanto, é oportuno destacar que nem sempre o membro mais frequente é um exemplar da categoria, já que mesmo instâncias menos frequentes podem ser mais próximas ao exemplar prototípico do que itens mais frequentes.

Neste artigo, discutem-se outros processos cognitivos de domínio geral que estão atrelados à categorização, tais como: *chunking*¹⁰, analogia, projeção metafórica e metonímica. Esses estão imbricados na organização da língua e envolvem produção e decodificação de mensagens forjadas nas interações linguísticas.

¹⁰O termo *chunking* pode ser traduzido em Português-Brasileiro como “encadeamento”. Neste trabalho, escolhi tratar o processo apenas como *chunking*.

Do ponto de vista cognitivo, *chunking* é tomado como uma unidade de organização da memória; do ponto de vista linguístico, esse processo tem como resultado *chunks*, sequências de palavras que, tomadas juntas, formam uma unidade, por exemplo, “tomar banho”, “bom senso”, “suar frio”, entre outras. O *chunking* é, pois, o processo pelo qual sequências de unidades se juntam para formar unidades mais complexas (BYBEE, 2010). É a partir da repetição que o processo de encadeamento é delineado. Nesse sentido, se um ou mais *chunks* coocorrem com frequência, um *chunk* maior é formado. Para Bybee, esse processo subjaz à formação de expressões formulaicas e pré-fabricadas, como em:

(1) *Você deu a ideia* de um texto (*Banco Conversacional de Natal, Conversa 1*).

Nesse caso, há a ocorrência de um *chunking*, uma vez que o verbo *dar* e o objeto direto *a ideia* já são reconhecidos como uma expressão única. No caso em tela, o sentido básico da expressão, “fornecer um palpite”, é preservado. Todavia, há casos em que esse *chunking* assume novo sentido, como em um evento de “paquera” em que alguém diz “vou dar uma ideia naquela garota”. Nesse evento específico, “dar uma ideia” corresponde a demonstrar “segundas intenções” para com alguém, conforme idiomatização.

Bybee (2010) explica que um dos efeitos desse processo cognitivo de domínio geral, no que se refere à produção, é a sobreposição e a redução de gestos articulatórios; no caso da percepção, um efeito é a habilidade de antecipar o que vem depois.

Em certa medida, o *chunking* contribui para organização hierárquica da língua: *chunks* grandes, como poemas e provérbios, podem ser armazenados na memória; todavia, quanto maior o *chunk*, menos frequente ele será. Assim, *chunks* menores dentro dos maiores colaboram para essa organização. Na memória, o status de um *chunk* está enquadrado num contínuo. Palavras que

nunca foram usadas juntas não constituem um *chunk*, mas há palavras que foram usadas juntas uma única vez, ou várias vezes e com regularidade, que se tornaram *chunks*.

Ainda sob a ótica de Bybee, as construções são *chunks* sequenciais de língua que são usados juntos convencionalmente, os quais, muitas vezes, têm sentidos específicos ou outras propriedades. Sua convencionalização ocorre por meio de repetição. Dessa forma, tipicamente, construções são parcialmente esquemáticas, elas possuem partes fixas e outras que podem ser preenchidas com uma categoria de itens semanticamente definidos.

Outro processo cognitivo de domínio geral é a analogia que corresponde ao recurso pelo qual enunciações novas são criadas, com base em outros enunciados já produzidos em experiências discursivas anteriores. Para que esse processo ocorra, é necessário que o usuário da língua produza um elemento com base em outro preexistente e previamente experienciado e convencionalizado. Dessa forma, o grau de aceitabilidade do elemento criado está ancorado na similaridade com outros, e não em regras simbólicas mais gerais (BYBEE, 2010).

A analogia ocorre quando comparações exibem um alto grau de similaridade relacional com poucas similaridades de atributos. À medida que a quantidade de atributos similares aumenta, a comparação muda e se torna similaridade natural. Um exemplo comum de analogia é o caso da criação de novos verbos, como “deletar”, “printar” ou expressões como “dar uma photoshopada”. Esses casos estão ancorados em padrões preexistentes no uso linguístico, de modo que, para que o falante compreenda as expressões, é necessário saber que *delete* e *print* são funções do computador e acessar o conhecimento gramatical sobre as desinências verbais; o mesmo processo cognitivo se aplica ao caso da expressão “dar uma photoshopada”, no qual o falante precisa ter o conhecimento de que *Photoshop* é um *software* que

permite editar imagens, para assim enquadrar a expressão nova num padrão usual da língua como “dar uma canja” ou “dar uma coça”.

Quando se trata de processos cognitivos de domínio geral, vale mencionar que o aparato cerebral humano é complexo e fundamentalmente imaginativo. Nesse viés, metáfora e metonímia ocupam lugar central (LAKOFF, 1987; 2003). Sob o ângulo de Lakoff, nossa experiência corporal e a maneira como usamos os mecanismos imaginativos são fundamentais para a forma como construímos categorias e damos sentido às nossas experiências. Desse modo, o nosso sistema conceitual é diretamente fundamentado na percepção, no movimento corporal, nas experiências de caráter físico e social. Ao empregar a capacidade imaginativa, a partir da metáfora e da metonímia, o pensamento abstrato leva a mente para além do que podemos ver e sentir. É por causa dessa capacidade que o ser humano sonha, projeta o futuro e consegue imaginar seres e coisas que jamais viu ou presenciou. Em outras palavras, a capacidade de projetar, via metáfora e metonímia, permite ao ser humano criar.

A metáfora é uma operação entre domínios cognitivo-conceituais essencial ao processamento mental. Dito de outra maneira, ela é um mecanismo que implica a conceptualização de um domínio da experiência em termos de outro. Martelotta (2010) explica que entidades mais delineadas, estruturadas e concretas são alicerce para ideias abstratas, sensações e experiências não físicas em geral, que são mais difíceis de serem conceptualizadas. Assim, a metáfora envolve um domínio-fonte, com propriedades mais concretas da experiência, e um domínio-alvo, com maior nível de abstração. Em virtude de a projeção metafórica envolver o mapeamento entre dois domínios, ela está diretamente relacionada ao processo cognitivo de domínio geral “analogia”. A ocorrência a seguir ilustra isso:

- (2) Seu objetivo era esconder a precária situação financeira do banco e *turbinar os lucros* (Revista *Istoé*, 11Jul/2012).

O trecho em destaque com a expressão “turbinar os lucros” é um caso de projeção metafórica. “Turbinar” significa acionar as turbinas, que, na mecânica é um motor sobre o qual é aplicado a energia de um fluido que, por sua vez, gera um movimento. “Lucro” é uma vantagem, um privilégio ou um proveito que se tira de uma transação, financeira ou não, qualquer. Sendo assim, para compreender o sentido da expressão, é necessário ter conhecimento do significado concreto de “turbinar” e “lucro” para, via projeção metafórica, conceptualizar que “turbinar os lucros” está relacionado ao sentido de “dinamizar as vantagens”.

Quando o mapeamento conceptual se dá entre duas entidades contíguas, a projeção é metonímica. Taylor (2003) explica que a essência da metonímia reside na possibilidade de estabelecer conexões entre entidades que ocorrem em uma dada moldura conceptual. Sendo assim, a projeção metonímica ocupa uma posição central nos processos cognitivos humanos. Uma observação é que, enquanto a projeção metafórica se dá entre dois domínios, a projeção metonímica ocorre em apenas um domínio, conforme sugerem Lakoff e Turner (1989). A amostra a seguir denota um caso de projeção metonímica:

- (3) (Sobre a CHESF) *A estatal demarcou trechos onde nada pode ser cultivado e não falou em compensação* (Revista *Istoé*, 18 jul. 2012).

Nesse caso, o uso de “estatal” designa metonimicamente os funcionários da empresa responsáveis por assinalar os limites de terra dos trechos em questão.

O caso da negação no português do Brasil (FURTADO DA CUNHA, 2000) também é um exemplo de projeção metonímica. Nas orações negativas, é habitual o uso de um “não” pós-verbal que, a princípio, foi introduzido como um elemento de reforço, como em “num aceito não”. O aumento da

frequência desse elemento faz com que ele perca sua força enfática e se torne regular. Em suma, o segundo “não” é somado como componente da própria estrutura negativa.

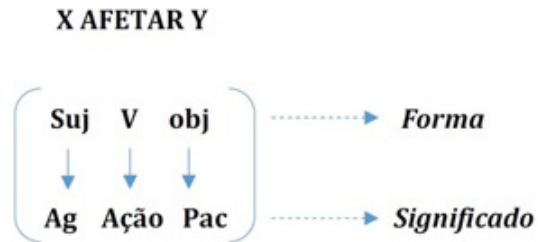
A categorização, assim como outros processos cognitivos de domínio geral, como *chunking*, analogia, projeção metafórica e/ou metonímica, é crucial para a origem dos esquemas construcionais. Isso porque esses processos permitem a formulação de padrões mais gerais para unidades mais específicas que compartilham características formais e/ou funcionais (LANGACKER, 2008). A observação dos esquemas permite explicar o funcionamento de uma construção, bem como prever seu comportamento em novos contextos de uso. Além disso, a generalização é essencial para a linguagem. Se assim não fosse, por exemplo, os padrões de estrutura argumental variariam arbitrariamente a cada verbo que ocorresse nessa estrutura.

3 Evidências empíricas de processos cognitivos de domínio geral: a construção transitiva

Esta seção examina as evidências dos processos cognitivos de domínio geral, já discutidos ao longo deste artigo, no estudo de caso da construção transitiva do português brasileiro.

Em relação à forma, a construção transitiva possui arranjo sintático que se caracteriza por dois argumentos em torno de um verbo, sendo um sujeito e um objeto direto. Por sua vez, esse arranjo está associado a um sentido central que, semelhantemente ao inglês, implica um agente praticando uma ação para causar uma mudança de estado ou de condição num paciente (GOLDBERG, 1995; 2006; GIVÓN, 2001; TAYLOR, 2003), conforme representado pelo esquema (**Fig. 1**) a seguir:

Figura 1 – Esquema-type da construção transitiva



Fonte: Autora (2017).

Dito de outra maneira, o evento denotado é aquele em que há dois participantes: um agente e um paciente. O primeiro direciona um fluxo de energia que é transmitido e causa alguma mudança, seja de condição, de estado ou de localização, no segundo que é impactado por essa energia (TALMY, 1988; LANGACKER, 2008). Uma ocorrência da construção transitiva é realizada em (4):

- (4) O professor [...] pegou um béquer com meio d'água e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso... então foi aquele fogaréu desfilando (*Corpus D&G*, Fala, p. 50).

No caso (4), observa-se que o agente (Ele = o professor) intencionalmente praticou uma ação (pegou/colocou) que provocou uma mudança de localização do paciente (um béquer com meio d'água / um pouquinho de cloreto de sódio pastoso).

No exame da construção transitiva, é possível constatar que o sentido X AFETAR Y, mais concreto e atrelado ao evento transitivo prototípico, é o mais frequente (50,15%) no conjunto de dados analisados. Segundo Slobin

(1982), esse tipo de cena, que se refere ao evento transitivo prototípico, é mais saliente à percepção humana e, por isso, é apreendido mais cedo pelas crianças.

Para elucidar essa ideia, nos *corpora* investigados, os verbos mais frequentes são “fazer” e “pegar”. Goldberg (2006) explica que certos verbos¹¹ são semanticamente gerais e podem ser aplicados a um grande arranjo de configurações. Dessa maneira, a autora sugere que esses verbos, por designarem um padrão básico da experiência, podem ser categorizados primeiro.

Na mesma linha, as classes mais esquemáticas nas línguas são nomes e verbos. Desse modo, muitas construções impõem limitações para os verbos que aparecem com elas, sendo assim, uma construção altamente sedimentada na língua permite um arranjo vasto de verbos, bem como papéis participantes, para preencher seus *slots* (BYBEE, 2010).

Adicionalmente, a repetição de um verbo particular em uma construção particular coopera no estabelecimento da relação entre o significado da construção e sua expressão formal. A prototipicidade dos verbos “fazer” e “pegar” é o resultado de sua moldura semântica ser idêntica à semântica da construção transitiva.

Em suma, a categorização do membro mais prototípico da construção transitiva pode ocorrer a partir de:

1. Compatibilidade sintática: os *slots* da construção estão relacionados às relações gramaticais de sujeito e objeto direto.
2. Compatibilidade semântica: atuação do princípio da correspondência – fusão entre papéis participantes do verbo e papéis argumentais da construção – e do princípio da coerência semântica – esses papéis são compatíveis semanticamente.

¹¹ No estudo de Goldberg, os verbos atestados são: *go, put, give e make*.

3. Alta frequência: a rotinização de um padrão tende a torná-lo mais esquemático e, por isso, mais facilmente estendido para abarcar outros enunciados.

Na ótica de Bybee (2010), a adesão de um novo membro a uma categoria pode ocorrer a partir da interação de duas dimensões: semelhança e frequência. Considerando que as construções são objetos linguísticos convencionalizados, diferentemente dos objetos naturais que inerentemente compartilham atributos, a frequência de ocorrência de um dado padrão pode influenciar significativamente a categorização na linguagem.

Os usos convencionalizados de formas linguísticas refletem situações também rotinizadas. Sendo assim, tanto a forma quanto o sentido são facilmente acessíveis e se configuram como bons modelos para recrutar novos membros. Nesse sentido, a construção transitiva é produtiva, uma vez que seu padrão pode ser aplicado para abarcar novos enunciados, como em:

(5) *Eu escutei à noite o berro do menino (Corpus D&G, Fala, p. 23).*

(6) *Sinto as contrações cada vez mais fortes (Blog Vida Materna, 06/11/2012).*

A amostra em (5) designa uma atividade mental, isto é, uma percepção não intencional pela qual passa a entidade codificada sintaticamente como sujeito (Eu). O referente do objeto direto (o berro do menino) não sofre mudança de estado ou condição, como ocorre em (4). Ora, nesse caso, o referente do sujeito experiencia o perceber e, de algum modo, muda interna e cognitivamente, uma vez que seu estado psicológico/perceptivo é afetado de não perceber para perceber o som.

Semelhantemente, o caso em (6) designa um sentir que afeta não o referente do objeto (as contrações), mas o referente do sujeito (\emptyset = eu). Nessa amostra, em que ocorre o relato de um parto natural, a entidade codificada como sujeito é tão afetada que o resultado do afetamento ultrapassa a

mudança de estado psicológico, já que o sentir as contrações permite o nascimento do bebê.

Observe, ainda, o caso em (7):

(7) *Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e subimos uma duna, com vegetação, até seu topo (Corpus D&G, Escrita, p. 169).*

O dado em (7) denota um evento em que uma entidade agente (\emptyset =nós) pratica uma ação (subimos) intencional, controlada e mais durativa do que os casos anteriores, mas que não desencadeia nenhuma mudança física ou de condição da segunda entidade (uma duna). Assim, nessa amostra, o referente do objeto direto é o ponto para onde se dirige a ação/movimento do agente.

Os casos (5-7) são, pois, ocorrências em que há uma projeção metafórica, explícito: se a metáfora envolve um domínio-fonte, com propriedades mais concretas da experiência, e um domínio-alvo, com maior nível de abstração, o usuário da língua pode reinterpretar, ou seja, projetar metaforicamente uma experiência (domínio-alvo) em termos de outra (domínio-fonte).

Nas três amostras, o fato de o referente do sujeito ser um humano e ter uma importância alta no evento denotado pode fazer com que o usuário da língua, em (5) e (6), reinterprete o referente do sujeito como afetado, pois, nesses casos, o afetamento, interno e cognitivo, recai metaforicamente sobre esse referente. Já no caso em (7), ocorre a extensão do campo perceptual para o referente do objeto. Dessa maneira, a perspectiva imposta pelo falante interpreta metaforicamente o referente do objeto direto (uma duna) como uma entidade afetada pela ação verbal, pois “subir uma duna” enfatiza a mudança de ausência para presença de pessoas na duna.

A projeção metafórica permite que o usuário da língua estenda o sentido da construção transitiva, relacionado ao evento transitivo prototípico, e, por

isso, com propriedades mais concretas da experiência, para servir de base para experiências com maior nível de abstração (domínio-alvo), conforme salienta as instanciações discutidas aqui.

Em hipótese, a ideia de afetamento¹² é uma contribuição da semântica da construção transitiva e não apenas do verbo. O fato de a semântica lexical do verbo ser semelhante a da construção transitiva facilita a configuração, mas não a determina. Isso explica o fato de um verbo como “subir” ser recrutado, via projeção metafórica, para a construção transitiva. Goldberg (1995) justifica essa afirmação ao participar que, na abordagem construcional, sentidos implausíveis para o verbo são evitados, bem como há a preservação da composicionalidade da expressão: não é o item lexical em si que carrega o sentido, mas sua integração com a construção.

Há que se destacar, ainda, que, além da projeção metafórica, na manifestação discursiva da construção transitiva, ocorre também projeção metonímica. Em linhas gerais, a natureza da metonímia consiste na possibilidade de estabelecer conexões entre entidades que ocorrem em uma dada moldura conceptual, sendo, portanto, um processo fundamental para a extensão de sentidos (TAYLOR, 2003). A amostra em (8) ilustra um caso de projeção metonímica:

(8) *A Justiça condenou o parque de diversões Hopi Hari* (Revista *Istoé*, 11 jul. 2012).

Nessa ocorrência, o referente do sujeito (A justiça) está relacionado às pessoas que trabalham no poder judiciário e possuem a competência de julgar, ou seja, os magistrados/juízes. Assim, a entidade “A justiça” serve como

¹² Refiro-me a afetamento de modo geral, incluindo, assim aqueles casos em que há efetuação ou criação do referente do objeto direto.

veículo para o acesso à entidade alvo: magistrados. Esse tipo de metonímia, segundo Taylor, corresponde ao caso INSTITUIÇÃO E RESPONSÁVEL. Na mesma ocorrência, há uma segunda metonímia do mesmo tipo, associada ao referente do objeto (o parque de diversões Hopi Hari). Essa expressão metonímica veicula o acesso à entidade contígua: os responsáveis pelo parque.

Em (9), é possível verificar outro caso de metonímia em que há a metonímia LUGAR E INSTITUIÇÃO:

(9) *Cidade alemã proíbe a circuncisão* (Revista *Istoé* 18Jul/2012).

Ao expressar o referente do sujeito como “Cidade alemã” refere-se ao governo da cidade, isto é, aos governantes. Tanto em (8), como em (9), os referentes do sujeito, por remeter à entidade contígua (juízes/governantes), são reinterpretados como [+ agente]. As ações denotadas pelos verbos (condenar/proibir) provocam mudança de condição do segundo participante, assim, os referentes do objeto são tomados como afetados: o parque (= responsáveis) de inocente para condenado, e a “circuncisão” de permitida para proibida.

De maneira geral, Taylor (2003) explica que na metonímia existe uma função de referência, que precisa ser sancionada pelo nosso conhecimento, a fim de permitir que duas entidades contíguas (como Justiça e juízes) sejam armazenadas na mesma moldura. Assim, ao utilizar “Justiça” e “Cidade alemã” numa instanciação da construção transitiva, cuja moldura semântica exige um argumento agentivo na posição de sujeito, o falante acessa o conhecimento armazenado sobre as entidades contíguas (juízes/governantes) àquelas.

A ocorrência em (10) é um caso que envolve a projeção metafórica, pois o referente do sujeito (o medo) é reinterpretado como agente, e o referente

do objeto (meu coração) como paciente. A ocorrência envolve, ainda, a projeção metonímica, a partir da metonímia PARTE PELO TODO, em que o coração está atrelado à entidade.

(10) O medo novamente aperta meu coração (Blog *Vida materna* 06/11/2012).

Friso que, embora a configuração da ocorrência esteja, grosso modo, atrelada ao sentido X AFETAR Y, trata-se de um caso de projeção metafórica, uma vez que há a expressão de uma experiência, cujo sujeito é um causativo (estímulo) para a experiência e o experienciador é a entidade cujo coração representa.

No conjunto dos dados examinados, constatei a atuação do processo cognitivo de *chunking*, conforme ilustram as ocorrências a seguir:

(11) Aos 18 *apostamos uma ficha* (Blog *Santa dieta* 18/02/2013).

(12) A empregada que estava grávida mais tarde *teve o menino* lá em casa (*Corpus D&G*, Escrita, p. 44).

Em (11), a expressão “apostar uma ficha” remete à ideia de acreditar em alguma coisa. Em seu sentido original, “apostar uma ficha” refere-se a arriscar um valor monetário em algum jogo e, para isso, são usados objetos identificadores da aposta, isto é, fichas. No caso em (11), embora seja possível recuperar o sentido de “apostar” e o de “ficha”, isoladamente, quando tomados juntos, essa expressão, na situação comunicativa, ganha um sentido metafórico. Um uso mais metafórico permite a criação de um *chunk*, que se fixou a partir da frequência de “apostar” seguido de “ficha”.

De modo análogo, (12) aponta a expressão “ter menino” que remete ao nascimento da criança. Provavelmente, a frequência do verbo ter seguido de “menino” gerou o *chunk*. Cabe ressaltar que essa expressão, formada por um

verbo de estado, ganha, em alguns contextos de uso, o sentido de “parir”, que implica ação, como em “você vai ter menino em que hospital?”¹³

Adicionalmente, ao empacotar os *chunks*, “apostar + ficha” e “ter + menino”, há a atuação do princípio de iconicidade, uma vez que, quanto mais próximos os conteúdos no nível da cognição, mais integrados eles estarão na codificação (GIVÓN, 2001), o que pode justificar aproximação linear entre os referidos casos.

De acordo com o exposto até aqui, é possível observar que os processos cognitivos de domínio geral atrelados à experiência são subjacentes e motivam a expressão de instanciações da construção transitiva que se afastam do membro prototípico, mas que, por analogia, são tomadas de modo semelhante. Isso significa que o uso linguístico fornece pistas para rastrear os recursos cognitivos que a mente humana mobiliza no e para o uso da linguagem (BYBEE, 2010). Cabe ressaltar que, para além desta análise, outros processos cognitivos de domínio geral podem estar atrelados à manifestação da construção transitiva e devem ser levados em conta em análises futuras.

Considerações finais

O presente artigo buscou evidenciar os processos cognitivos de domínio geral subjacentes às instanciações da construção transitiva. Para isso, alinhou-se teoricamente aos postulados básicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, alicerçando-se na perspectiva da gramática de construção. Para compor a análise, foram examinados dados empíricos produzidos por usuários do português brasileiro.

¹³A observação, por hipótese, a respeito desse *chunk* é intuitiva e fruto da minha experiência, carecendo assim de investigação empírica.

Ao longo deste trabalho, foi possível observar que a manifestação discursiva da construção transitiva está diretamente relacionada ao processo de categorização. Isso porque o sentido central da construção transitiva – alguém age intencionalmente a fim de causar uma mudança numa entidade paciente – é construído no curso das experiências sociocomunicativas, de modo que esse sentido reflete uma cena básica da experiência humana.

Nesse viés, o usuário da língua elege um padrão construcional que é associado a uma ocorrência correspondente ao sentido básico desse padrão, ou seja, um membro prototípico. A frequência de uso desse padrão fornece ao usuário da língua generalizações que podem ser estendidas para outros membros, isso porque, ao se deparar com um uso novo, o usuário, por economia, tende a recuperar uma representação armazenada em sua memória e associá-la a um item novo (BYBEE, 2010).

Arelados à categorização, a mente humana é capaz de fazer uso de outros processos cognitivos, como analogia, chunking, projeções metafóricas e metonímicas, além de outros que não são discutidos aqui. A interação entre esses processos permite ao usuário interpretar orações como “o medo aperta o meu coração”, em que há projeção metafórica e metonímica, como uma instanciação da construção transitiva pelo fato de, em alguma medida, se associar ao sentido central dessa construção. Esses processos motivam a aproximação/distanciamento entre os membros centrais e os membros mais periféricos, isto é, entre as instanciações da construção transitiva.

Isso posto, ressalto que este trabalho, assim como outros centrados na investigação da interface entre cognição e uso linguístico são iniciativas para o entendimento do modo como os usuários da língua apreendem o mundo ao seu redor e o constroem linguisticamente.

Referências

- BRESNAN, Joan. *Lexical functional syntax*. Oxford: Blackwell, 2001.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: United Kingdom University Press, 2010.
- CHAFE, William. Givenness, contrastiveness definiteness, subjects topics and point of view. In: LI, Charles. *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.
- _____. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DU BOIS, John; KUMPF, Lorraine; ASHBY, William (Ed.). *Preferred Argument Structure: Grammar as Architecture for Function*. Amsterdam: Benjamins, 2003.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, Charles. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (Org.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- _____. *On grammatical construction*. California: UCB, 1988.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. *Procedimentos Discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: EDUFRRN, 2000.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos; MARTELOTTA, Mário. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. v. 1.
- GOLDBERG, Adele. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at work: the Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, George. *Linguistic gestalts*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1977.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*. Chicago: University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEFEBVRE, Claire; COHEN, Henri (Ed.). *The Handbook of Categorization in cognitive science*. Amsterdam: Elsevier, 2005.

LUCENA, Nedja Lima. *A construção transitiva no PB: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2016. 151 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MARTELOTTA, Mário (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam (Ed.). *Construction grammar: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1971.

SALOMÃO, Maria Margarida; MIRANDA, Neusa (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2009.

SLOBIN, Dan. The origins of grammatical encoding of events. In: HOPPER, Paul (Ed.). *Syntax and semantics, Studies in transitivity*. New York, Academic Press, 1982. v. 15, p. 409-422.

TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, v. 2, 1988.

TAYLOR, John. *Linguistic categorization*. New York: Oxford University Press, 2003.

TOMASELLO, Michael (Ed.). *The new psychology of language cognitive and functional approaches to language structures*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. v. 1.

_____. (Ed.). *The new psychology of language cognitive and functional approaches to language structures*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. v. 2.

_____. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

_____. *Constructing a language: a Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard; VEENSTRA, Tonjes (Ed.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 20/01/2017.

Aceito em 18/06/2017.